

# 48 Mandala Vajra é o Ponto Crucial – RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari - 22/08 a 30/08

Revisão: Mônica Kaseker 20/11/2024

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #48

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

*Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com).*

Tabela de conteúdos

---

- Mandala Vajra é o Ponto Crucial
- Buscando o Ponto Último

## Mandala Vajra é o Ponto Crucial

---

Por que é crucial a noção da Mandala? Porque, como nós já olhamos em outros momentos, o obstáculo que temos para sustentar a visão é o fato de que, de um modo geral, nós consideramos que o ponto mais importante é o foco da mente. Se, por exemplo, nós contemplamos diferentes objetos – aqui, nós olhamos várias vezes a experiência da própria sala de meditação e vimos que ela é operativa, ela funciona. Ainda assim, ela surge no mesmo fenômeno, junto com a mente que busca olhar esse espaço como sala de meditação, também. Quando a mente se condiciona de um certo jeito, a sala de meditação surge desse modo. Por outro lado, se nós, por exemplo, começamos a pensar na construção do templo (já estamos pensando desde o ano passado e agora já temos o projeto pronto, que vai ficar lindíssimo ali), se nós construirmos isso essa sala de meditação perde a função, mas quando temos um templo, como estamos imaginando construir aqui, nós vamos precisar de espaço ao redor, vamos precisar de outros espaços que possam apoiar as próprias atividades. Quando nosso olhar mudar, quando surge o templo, naturalmente os olhos mudam; passamos a olhar para cá de que modo?

Estamos olhando, aqui do lado a cozinha talvez a cozinha também esteja condenada, é quase certo. É bem provável que esse prédio aqui ao lado vá se transformar num alojamento. Aqui também (Sala de Meditação). Nós construímos de um jeito apropriado, para os fluxos que nós vamos precisar. Construímos a cozinha de acordo com um projeto arrumado, simples, bom, que imaginamos (porque é tudo luminoso), de tal maneira que possamos servir as refeições eventualmente dentro da própria sala, como fizemos nos retiros de janeiro aqui. Funcionou super bem, porque são muitas pessoas, cada um fica no seu lugar e aquilo circula.

Quando eu estou passeando com a mente desse modo, na verdade estou descrevendo o que é a mente luminosa. Não tem nada construído, não tem um tijolo. É certo que tem uns pauzinhos de eucalipto ali que já estão ficando meio retorcidos. Mas onde está esse templo? Onde é que está isso? Isso surge não dual: a mente e o templo surgem no mesmo fenômeno, mas o templo nesse momento, está em um lugar sutil, tendendo a um lugar grosseiro, porque ele já está desenhado, já tem cores, tem tamanho, janelas, detalhes todos; está tudo assim. Quando olhamos para cá, para essa sala aqui, olhando com esse olho agora, o que mudou? Mudou o ambiente aqui, ao redor. Quando o ambiente muda, esse ambiente é onde? Não mudou nada, está tudo ali. Esse ambiente é a própria mente. Quando os referenciais amplos da própria mente mudam, a ação causal muda,

mas não só a ação causal; a ação luminosa, que produz o significado das coisas muda, e isso aqui muda.

Eu acho que daria um bom alojamento. Vocês imaginem, acho que aqui tem 12, 13 metros quadrados. Dividindo meio metro quadrado para cada um, botando três, um em cima do outro... (brincando) Não precisa dormir deitado, poderia dormir sentado, cabe mais gente. Aqui, caberia um bom número de pessoas; não muito grande, mas cabe. Se fizermos não beliche, mas treliche. Eu sempre fico olhando as soluções arquitetônicas dos submarinos – o pessoal vive em gavetas. Não precisa tanto. Aqui, acho que daria um bom alojamento, junto com o prédio aqui do lado, que a gente transforma só em alojamento (fazendo a cozinha para lá). Aqui nós já temos um bom número de banheiros e faremos mais para lá. Eventualmente, nós fazemos banheiros aqui atrás, para apoiar essa sala aqui e o pessoal não precisa sair do prédio para ir ao banheiro.

O que é isso? Que loucura é essa? Como é que essa mente gira desse modo? Como é que isso é assim? Isso é assim porque as coisas não são grosseiras. Aquilo que é grosseiro, que nós nomeamos, apontamos, não é grosseiro, é não dual com a própria mente que olha. É essencialmente isso. Tudo é assim. Quando olhamos isso, poderíamos chamar de realidade Vajra. Também posso chamar isso de Darmata, o aspecto mais profundo que as coisas têm; a substância das coisas. Por exemplo, a substância dessa sala não são as paredes; a substância dessa sala é a luminosidade da mente. É essencialmente isso. O templo também. A substância do templo, que não existe, é a luminosidade da mente. Com a luminosidade da mente, o templo já existe e já está transformando os outros prédios, mas ele não existe. Eu acho superimportante que nós entendamos que existe essa ação da mente, que é o ambiente. Na medida em que o ambiente surge, nós precisaríamos entender que ele surge como uma ação. Ele não é um pensamento, mas é um conjunto de referenciais, que foram criados paulatinamente. E se estabelece como um referencial que dá significado para o foco da mente e para os desdobramentos causais que nós venhamos a exercer. É importante que nós reconheçamos isso. A nossa prisão, de fato, não está no foco da mente; a prisão está na visão de mundo. Esse é o ponto.

Por isso é difícil desenraizar esse ponto, porque nós podemos facilmente perder os ensinamentos. O que significa isso? Eu entendo os ensinamentos. Eu compreendi, tenho as referências, concordo, é isso mesmo, mas enquanto eu falo “Sim, é isso mesmo”, o ambiente continua idêntico; ele não mudou, segue igual. Eu olho da mesma forma dual as aparências todas. Quando eu me levanto, eu ando pelo mundo dual como se ele fosse absoluto. Não consigo ver adiante disso, ainda que haja as explicações e o foco da mente possa percorrer coisas. O que falta? Falta a contemplação. O que seria a contemplação? Seria essencialmente, olharmos o universo inteiro - não menos do que isso - , os vários itens um a um, e reconhecer a realidade Vajra deles.

Essa noção da realidade Vajra pode ser trabalhada com o Prajnaparamita em uma sílaba só. Nesse sentido, assim: olhamos o portão da cerca e dizemos “Ah!”. Tudo é “Ah!”. Olho para o poste, “Ah!”, a porta “Ah!”. Vou olhando uma por uma das coisas “Ah!”, sala “Ah!” as árvores, “Ah!”. Tem alguma coisa que eu olho e não consigo dizer “Ah!” para aquilo, mas depois, sim, “Ah!”. “Ah!” significa o que? Luminosidade; aquilo surge de modo não dual pela luminosidade. Namkhai Norbu Rinpoche, que é um grande mestre Dzogchen, usava a sílaba “Ah!” para meditação. Ele compôs essa canção da sílaba “Ah!”, que é maravilhosa. Talvez vocês venham a ouvir.

Nós precisaríamos fazer essa contemplação longamente. Agora, nós poderíamos pensar que quando começamos a reconhecer tudo como “Ah!”, “Ah!”, “Ah!”, na verdade, estamos forçando um pouco, estamos querendo criar isso, mas não é; as coisas já são assim. Por exemplo, nós olhamos essa sala e parece que ela é grosseira. Eu vejo a sala a partir das paredes, do teto, das colunas, do chão, portas, as luzes.

[11:33 – 11:50 comentário sobre as novas luzes e os painéis solares]

Se faltar energia, qualquer coisa, nós temos uma rede dupla agora, para essas casas todas. Tem uma rede só com painel solar e tem as baterias todas conectadas. Assim, se faltar energia de

dia ou de noite, é só “click”. E tem as tomadas também que permitem manter a transmissão desse modo.

Tudo isso que nós estamos falando, é tudo Vajra, é tudo criado. Mesmos os aspectos causais, que são vazios e luminosos também. Vamos contemplando e vemos que todos os aspectos, a causalidade, é vazia e luminosa, é tudo completamente desse modo, mas não é que eu queira forçar isso. Não é um procedimento sectário de um grupo, ou de uma visão do Buda, que resolveu converter tudo em vacuidade e luminosidade. Não é isso. É que, quando nós olhamos profundamente, nós vemos isso. E isso tem consequências, é visível. Ou seja, tem uma mobilidade nas coisas que não haveria se as coisas fossem realidade rígidas surgidas independente do próprio observador.

Eu dividi isso aqui em várias seções e a primeira delas trata da Mandala Vajra, que é um ponto crucial. Se nós não tivermos a capacidade de contemplar ao ponto de descortinar a Mandala Vajra, vamos ficar sempre uma etapa anterior. É parecido com a noção, que estávamos vendo no Sutra do Diamante, de Hinayana e dos Bodhisattvas Mahasattvas. Não importa se a pessoa está lendo os textos ou fazendo as meditações Dzogchen, ou Tântricas, ou Vajrayana, ou Vajrayana com deidades, ou Prajnaparamita, ou Mahayana, incluído os vários sutras, como o Sutra do Coração também, se ela está autocentrada, acredita na sua identidade, acredita na separação entre as coisas, ela tem uma abordagem Hinayana, essencialmente. Ela vê os seres separados, vê as várias coisas existindo por si mesmo, essa é a abordagem Hinayana. Não importa o foco da mente; se a pessoa vê aquilo daquele modo, é assim. Agora, os Bodhisattvas Mahasattvas naturalmente vêem a Mandala Vajra. Isso é o diferencial. É o que permite o funcionamento natural, permite a ação natural, permite a ação lúcida em meio ao mundo, sem a experiência do asno manco. O asno manco é a experiência de nós guardarmos no foco da mente como as coisas são. Andamos um pouco e novamente perdemos aquela visão. Porque a visão natural para nós segue sendo a visão dual. Fazemos um movimento certo e logo nos perdemos. Brota um impulso do próprio ambiente como nós vemos e nos movimentamos de forma natural.

Por exemplo, eventualmente a pessoa vai viver num outro país e vai aprender outra língua, vai se sentir cidadão do outro país, mas eventualmente quando a pessoa se machuca, ela esbraveja em português, porque aquilo está lá na mente dela, em algum lugar. A pessoa é budista; mas acontece alguma coisa, a pessoa diz “Virgem Santíssima, salve-me!”. Alguma coisa assim. “Ixe!” (é Virgem). A pessoa diz “Ixe, por favor, me salve!”. Eu sempre penso assim: a pessoa é budista, mas na hora de morrer, eu acho que está justo rezar para Jesus Cristo. Se a pessoa sentir que tem essa conexão... Porque o Buda está assim, meio calmo, tranqüilão; o Jesus Cristo tem uma aparência mais militante, mais salvador mesmo. Se o pessoal sentir, na hora final, na dúvida, que venham os dois, de mãos dadas. Acho o Buda meio quietão, não sei, mas Jesus Cristo, com esse pode contar! Ou pensamos, o Buda Primordial, o próprio Espaço. O Espaço não vai ficar olhando para mim nessa hora, aqui, mas Arya Tara sim, essa é a Veloz Salvadora. “OM TARE TAM SOHA, OM TARE TAM SOHA, OM TARE TAM SOHA”. Vou rezar por Tara. A Mãe Veloz Salvadora aparece, junto com a Virgem Maria e a Compadecida, com certeza. Essa nos salva. Surge a base da mente. Uma série de coisas mudaram, mas tem uma base da mente que está lá. Isso é a base da mente.

Uma vez, eu ouvi uma história dos alemães. Eles estavam sempre preocupados com gente infiltrada, espiões. Eles tinham um jeito de saber se eram espiões. De uma forma super inesperada, eles queimavam alguém com cigarro, só para ver como a pessoa ia reagir, o que a pessoa ia dizer. Se falasse inglês ou alguma coisa.... Essa é uma estória triste, na verdade, porque foi um tempo horrível, mas eles viram que tinha alguma coisa na base da mente, algo desse tipo. A base da mente para nós é crucial, é de lá que brota tudo, mas como podemos transformar essa base da mente?

Nós precisamos olhar cada um dos conteúdos da nossa própria mente. E a nossa própria mente, onde é que está? Ela está aqui. A nossa mente é tudo o que está aqui, incluindo o céu, terra, vento, bandeira que está oscilando, as cercas todas, as plantas todas, em todas as direções, o lago, tudo, qualquer coisa que apontarmos em qualquer direção, isso é a nossa mente. É inseparável da nossa mente, é coemergente. Não é que isso brotou dos meus olhos e apareceu lá; não é isso, não

é essa magia. Não é assim: “Agora eu vou pensar bem forte e... não é que surgiu uma mesa ali, mesmo?” Não é isso; é muito maior. O mundo inteiro surge desse modo sem esforço. Nós precisamos entender que isso vai paulatinamente produzir a Mandala Vajra. O pedaço que não é Mandala Vajra é porque nós não vimos. Estamos olhando e brota o que? Brotam as conexões que surgiram pela originação dependente. Olhamos, gostamos ou não, queremos ou não, achamos bonito ou não. E nós temos outras conexões; são todas dos doze elos. As aparências todas estão impregnadas nos doze elos. Precisamos contemplar.

Vem essa sugestão. Mandala Vajra, esse é o título.

*Abra os olhos devagar e veja, a realidade Vajra inteira diante de você.*

Por que abrir os olhos devagar? Não é que se eu abrir rápido, vai prejudicar, mas abrir devagar é assim, calmamente; não tem nada para fazer, aquilo já é assim. Simplesmente. Não tem nenhuma complicação; só abrir os olhos e olhar, nada mais. Isso é parecido com o Satipatthana quando o Buda diz: “Olhe o corpo como um corpo”. É tão simples quanto isso. Abra os olhos e veja as coisas como coisas. Parece que não tem nada nisso, mas isso é super profundo. Porque abrir os olhos e olhar as coisas como coisas todo mundo faz, mas o que nós precisamos fazer? Nós precisamos abrir os olhos e olhar as coisas, enquanto as coisas que elas são. Esse é o ponto. Parece que é a mesma coisa, mas não é.

*Abra os olhos devagar e veja a realidade Vajra inteira diante de você.*

Vamos supor que a pessoa está com o jornal sentado no sofá. “Você aí, presidindo o sofá”. Se tem uma estante na frente, se tem seja o que for, crianças ao redor, pessoas em algum lugar... Podemos começar com as crianças. Olhamos para as crianças. Se olharmos que as crianças estão fazendo barulho e estão nos perturbando, essa é uma forma de ver. Se olharmos e dissermos: “Eles são anjos vestidos de demônios”, essa é outra forma. Se pensarmos: “Eles são uns fofos”, isso é outra forma. Podemos olhar para eles e dizer: “A vida não é fácil. Eles estão só no começo; eu não encontrei nenhuma solução. Qual é a situação deles?”, isso é outra visão. Se pensarmos: “Ops! Está na hora do lanche da tarde”, isso é outra solução, outra visão. Nós temos infinitas visões que podem brotar. Se nós olharmos um pouquinho e vê-los construindo realidades, construindo coisas, manifestando uma base de mente. Começamos a adivinhar: “Que base de mente eles estão usando?”. Olhamos que foco eles estão utilizando, que emoções eles estão manifestando. Olhamos desse modo. Começamos a ver que a imagem que nós temos deles e a posição da nossa mente são inseparáveis. Tão pronto eu olhar de uma forma, eu os vejo a partir de uma posição de mente que eu escolhi.

Podemos fazer um exercício dos seis reinos, por exemplo, na nossa própria casa. Podemos começar pelo reino dos infernos. É melhor começar pelos infernos porque passa; não vamos terminar nos infernos. “Eu não tenho um momento de sossego aqui dentro. Eu tenho trinta dias e tenho que me virar, realmente; fazer isso aqui tudo funcionar. Não estou indo a lugar nenhum. Essa situação está difícil. Quando eu penso que vou ter alguma calma em algum momento, sempre tem algum problema. É um cano que fura, uma patente que entope, uma coisa que eu tenho que comprar”. Aqui no Bacupari, nós tínhamos uma patente que estava interditada há meses. Quem foi? Foram os eucaliptos, que vieram devagarzinho, entraram pelo cano e entupiram tudo, mas nós tínhamos uma visão adversarial: “isso foi alguém”, mas não era. Veio o Pedro e resolveu isso, absolveu todo mundo. Tem isso. Colocamos um boiler elétrico, conectado a energia solar. Eis uma boa coisa. O que aconteceu? Abrimos as torneiras e não correu água no boiler. Vamos indo. Esse é o inferno da vida, aquilo nunca dá muito certo. Se pode dar errado, provavelmente vai dar, mas, por exemplo, eu posso estar rindo disso, mas nós podemos estar sofrendo com isso. Quando estamos sofrendo, isso corresponde aos infernos. É fácil olhar uma coisa assim e começar a se incomodar.

Dentro da casa, qualquer pessoa, especialmente nesse tempo agora, quem está ainda recolhido, evitando contágio, evitando contaminar os outros, eventualmente já está meio incomodado. Porque isso aqui já vem desde março, abril, maio, junho, julho, e agora já estamos

entrando em agosto. Eu acho que as pessoas estão decretando o final da quarentena, não porque isso seja um bom senso, mas porque elas não estão aguentando. O que pode não ser uma boa ideia, mas, essencialmente surge um desconforto que, associado à visão de mundo do tipo “O que vai acontecer? Para onde nós vamos? Como é que isso vai?”, pode produzir muitos problemas. Eu vi outro dia uma reportagem sobre isso, ou seja, o número de pessoas que começa a descompensar, a se manifestar psicologicamente muito perturbada. Isso corresponde ao reino dos infernos.

exemplo, nós podemos nos colocar numa posição de olhar essa mesma situação e ter uma sensação de carência. Isso corresponderia ao reino dos fantasmas famintos. Eu vi também uma reportagem interessante mostrando que uma das áreas que a economia expandiu foi a área de doces, chocolates e derivados. Porque as pessoas ficam em casa e é como se elas quisessem algum nível de compensação. Não sou eu quem está dizendo, mas é o que a reportagem dizia. É provável que existam pessoas que se sintam desse modo; sentem-se carentes. Tem essa conexão; o consumo de chocolate aumentou. Também o consumo de bebidas alcoólicas aumentou, o que é um problema, realmente.

Acho que também podemos dizer assim: “Esse lugar aqui... Não tem nada para fazer agora”. Aquilo tenderia ao reino de moa, que nós vamos chamar de reino dos animais, corresponde aos estados de letargia, desinteresse, sonolência, só se mover quando alguma coisa realmente é necessária. Eu olho a Dudu, a nossa praticante do lado de fora da sala. Ela não senta; a Dudu está lá, deitada. De vez em quando levanta um olho, uma orelha. Essa é a situação dela; não sei, na próxima vida, o que pode acontecer, porque está mal encaminhada. Ela está no reino dos animais, essencialmente isso. Nós olhamos desse modo; o reino dos animais também é isso. Eu posso olhar aquele ambiente como reino dos animais.

Do mesmo modo, nós podemos dizer que essa sala aqui é um local de tortura. Antes das cinco e meia o despertador toca. “Sentar aqui; me dói as costas desde a semana passada. A perspectiva é que siga doendo por mais seis meses. Isso, se o joelho não piorar, estou indo bem, estou no lucro, mas eu estou fazendo o que aqui? Estou em sofrimento.” Esse é o reino dos infernos. A pessoa está todos os dias cozinhando. “O que eu fiz em outras vidas? Acho que eu não quis ajudar minha mãe em várias vidas. Deu nessa.” A pessoa pensa: “Outro dia! Hoje é recém domingo; o retiro só termina no outro domingo. Vai ter que fazer comida, manter tudo isso funcionando. É muita coisa, não aguento. Bom é quando terminar o retiro, porque... eu continuo cozinhando.” Fazer o que? Nós rezando aqui “Não, sinta-se bem, por favor.” O pessoal da cozinha sente a energia e fala “Por que você não faz isso, não faz aquilo; acho que estou precisando comer isso, comer aquilo.” Isso já é o reino dos seres famintos. O pessoal está meditando, já não está mais no inferno, mas está pensando “Bom, hoje no almoço, vai ter...” A sala é a mesma, vocês entendem?

Ou então às vezes a pessoa está muito cansada (eu muitas vezes pratiquei isso também assim). É muito bom dormir sentado; a gente dorme sentado super bem, não tem problema nenhum. E o corpo aquece, relaxa, é uma maravilha. O corpo medita e eu durmo. Um dos tesoureiros do CEBB (ele era muito gozado) disse que foi ao Japão (ele era engenheiro) fazer um curso. Ele conseguia sentar, olhar para o professor com o olho aberto, e dormir. Ele tinha essa habilidade; ele desenvolveu esse jeito assim, maravilhoso. Ainda fazia uma cara inteligente, e dormia. Nós também podemos olhar “Bah, agora vim para a sala, agora vou descansar, que bom. Não bate sino, por favor, para não me assustar.” Quando bate o sino, a pessoa pergunta “onde estou?” Pode acontecer, mas na verdade se vocês estão cansados, é melhor dormir um pouquinho e depois abrir o olho e meditar.

Nós temos no reino humano; nós estamos na própria sala de meditação, mas a sala muda, porque eu sento aqui e penso “Uau! Tenho que pintar. Está entrando vento aqui, tem umas frestas; vou ter que arrumar estas frestas. Agora tenho que melhorar a iluminação. Eu tenho que arrumar o banheiro. Eu tenho que melhorar o *wifi*, que não está muito bom.” Estamos pensando várias coisas, assim; isso pertence ao reino humano. Esses vários cenários estão onde? Eles não são a sala, mas eles contaminam toda a visão de mundo: todos os impulsos, todas as causalidades. Estão todos no

mesmo lugar, mas nós estamos com outras visões; essas visões descortinam o movimento da nossa energia, o que nós temos que fazer.

De repente, nós estamos no reino dos Asuras, os semideuses, que são competitivos. Estamos dizendo “Eu estou na melhor área de retiros da América ao sul do Equador”, alguma coisa assim. Ao norte do Equador fica meio difícil, mas ao sul do Equador “nós estamos na melhor área.” Isso é o processo competitivo. Ou então dizemos “Eu estou aqui atingindo a iluminação, deixei todo mundo para trás, lá. Eles estão perdidos.” Nós estamos com a visão adversarial, competitiva. Ou nós estamos no reino dos deuses. “Uau! Aqui sempre tem uma brisa maravilhosa. Aqui tem uma temperatura maravilhosa, tem um ar maravilhoso, rodeado de lagoas maravilhosas. Aqui é um lugar, realmente maravilhoso. Um céu espetacular.”

No mesmo lugar em que estamos, nós podemos perceber a realidade de forma diferente, porque a realidade surge inseparável de nossa própria mente. Nós podemos facilmente também transitar de uma experiência para outra. Isso é a realidade Vajra. Ela já está diante de nós; quando olhamos assim, quando começamos a descrever o que estamos vendo, nós estamos descrevendo o conteúdo grosseiro da realidade Vajra, direto. Para que a realidade Vajra seja vista, não tem nada para mexer, porque aquilo já é assim.

*Abra os olhos devagar e veja.*

Devagar por quê? Sem intencionalidade. Calma, só olhar.

*A realidade Vajra inteira diante de você. Respire devagar, sem esforço.*

Não tem nada a ser sustentado. Não é necessário olhar e sustentar alguma coisa, não esquecer. É só olhar como as coisas são.

*Nada a ser sustentado, nada a ser criado*

Não é uma visualização intencional, é olhar como as coisas são.

*Nada a ser criado ou visto. A Mandala Vajra está naturalmente presente. Apenas veja, suavemente.*

Sem interferir, sem intencionalidade, calmo. Tokuda San tinha uma expressão, que eu acho que é do Mestre Dogen, Ele dizia: “Se você fizer esforço, você não vai a lugar nenhum; se você não fizer esforço, também não vai a lugar nenhum.” Como é, então? Porque nós temos a tendência a fazer esforço para avançar. Aqui é isso, sem esforço, apenas veja, suavemente. Agora, vamos dizer assim: “E se eu me perco?” Eu me perdi, estou olhando as coisas todas causais. Onde é que nós estamos? Se eu me perder, eu estou na realidade Vajra. Não tem outra possibilidade, porque eu me perco dentro das aparências Vajra da realidade Vajra.

*Quando se perder, é na realidade Vajra que estará. Não há dois lugares, apenas esse. Sem esforço, Mandala natural. Veja!*

Por exemplo, nós estudamos o Prajnaparamita, estudamos agora o Prajnaparamita em oito pontos. Contemple isso, contemple aquilo. Parece que tem um esforço ali dentro, mas na verdade, a Mandala Vajra, a aparência das coisas, é isso. Nós não temos nada para forçar, nada para visualizar, nada para criar. Simplesmente nós contemplamos.

Quando contemplamos o corpo, por exemplo. *Olhe o corpo como um corpo.* Quando nós olhamos o corpo, nós não vemos as células, nem os ossos, nem os nervos, nem a carne, nem os músculos, nem os intestinos, nem coração. A nossa sensação de corpo é uma outra coisa. O corpo não é as partes que o constituem, nem o conjunto das partes. É como essa sala. Eu não estou falando das paredes, nem do tronco. Eu ia dizer assim: - Bom, uma vez que tem essa parede, esses troncos, essa porta, essas janelas, isso vai virar um alojamento - eu não estou dizendo isso. Eu estou olhando essa sala como uma construção da mente. Ela se estabelece sobre as coisas. É

como um desenho que surge numa folha de papel: ele não é nem a tinta, nem o papel. Eu não estou olhando para o papel; eu não estou olhando para a tinta. Estou olhando para o desenho; aquilo é totalmente inseparável da minha própria mente. O corpo tem exatamente essa situação. Quando nós olhamos para o corpo, nós não estamos olhando para os constituintes, nem para as sensações. Nós estamos olhando para uma imagem que nós temos do que seja esse corpo, o nosso corpo. Esse corpo é totalmente inseparável da natureza luminosa da mente.

É como nós olharmos a fotografia do filho. Olhamos a fotografia e dizemos “o meu filho”, mas quando a pessoa está dizendo “o meu filho” ela está falando sobre a mente dela; a foto é um espelho que reflete a mente dela. As coisas todas são espelhos que refletem a nossa mente. Quando nós olhamos o nosso corpo, isso que nós batemos e sentimos como corpo, é um espelho tridimensional daquilo que nós temos como corpo. Se nós olharmos uma foto de nós mesmos, olharmos o nosso corpo, podemos dizer “esse é o meu corpo”. Quando nós descrevermos o próprio corpo, nós estamos olhando um espelho que reflete as dimensões da nossa mente que descreve o corpo. Essa visão de corpo que nós temos é uma manifestação da própria mente. Essa manifestação da própria mente é a própria natureza Vajra. Ela é o aspecto luminoso, o aspecto primordial que constrói a multiplicidade das aparências dos objetos que podemos apontar.

Do mesmo modo, nós vemos que, de acordo com as aparências que olhamos, a energia está mais alta ou mais baixa. Quando nós vemos isso, associamos à energia. Por exemplo, se nós estamos olhando a foto de um filho, nós temos um tipo de energia; se nós estamos olhando pessoas desconhecidas, nós temos outras imagens. Se por exemplo, estamos vendo imagens, fotos, de coisas agressivas, a nossa energia se manifesta de um outro modo. Se nós estamos olhando fotos de coisas cálidas, bonitas, a energia se manifesta de outro modo. A energia está associada à própria imagem que nós estamos olhando, mas se a imagem é como uma foto, eu posso ter certeza que a energia não vem da foto. A foto é um espelho que reflete a condição da mente; a condição cognitiva e também a energia que acompanha essa condição cognitiva. Desse modo, eu vejo que o corpo, enquanto um objeto, é a manifestação dessa natureza Vajra, e também é energia. E todos os objetos que eu olho têm energias correspondentes. Eu vejo como todas essas manifestações são manifestações dessa natureza Vajra.

Eu olho a mente. Corpo, energia, mente. Eu olho a mente, enquanto foco, enquanto a discriminação, enquanto o raciocínio discriminativo que identifica coisas. Por exemplo, nós voltamos para foto e olhamos. Nós podemos dizer que a mente vê isso ou aquilo. O que é muito parecido com um exemplo que nós sempre usamos, o exemplo do hexágono, que também pode ser visto como um cubo. Aqui, a mente pode construir o hexágono; tenho aqui como se fosse uma foto, uma imagem, num papel. Essa imagem é um espelho, pessoal. Atenção! Espelho mágico; espelho, espelho meu. Nós vamos mudar seis triângulos para seis quadrados. Vejo um cubo! Sendo um cubo, tem seis lados quadrados. O que transforma seis triângulos em seis quadrados? A posição da mente; a mente alucinada. (Isso não é a minha, é a de vocês, no caso. Não, nossas mentes são alucinadas). “Alucinadas” significa o que? Elas são luminosas, elas produzem as realidades. Se eu disser que “tinham seis triângulos”, não tinham seis triângulos, pessoal. Aquilo ali era um espelho que refletia os seis triângulos que vocês tinham dentro. Aquilo muda para um cubo, com seis quadrados, porque mudamos internamente e terminamos vendo seis quadrados ali. Isso é a mente. A mente faz o quê? Ela está construindo. Aqui no papel, não tinha nada, só tinha riscos, só isso. Mas é que eu tenho o espelho que reflete esse conteúdo da mente.

A natureza Vajra se manifesta como corpo, energia, mente. Ela se manifesta também como paisagem. “Paisagem” é uma expressão que é o que é; ou seja, tudo que olhamos em volta é paisagem. Eu estou vendo o céu, estou vendo as colinas e as plantas contra o céu, em todas as direções, aqui. Isso é paisagem. Quando eu começo a dizer o que eu estou vendo, estou descrevendo a paisagem. A paisagem é como se fosse o conjunto de referenciais: uma vez que estou vendo isso, eu vou fazer aquilo. É como se tivéssemos uma certeza da realidade tal como é; olhamos e vemos, simplesmente. Essa é a paisagem grosseira, que também é produzida pela luminosidade da mente.

E a Mandala? A Mandala, enquanto a experiência, luminosa, clara, lúcida de tudo. A Mandala Vajra. Quando nós olhamos e reconhecemos as aparências de um modo profundo, isso também é a natureza Vajra; isso é Rigpa. Olhando as aparências tal como elas são, nós já vemos as aparências totalmente inseparáveis da própria mente. Essa mente lúcida, sem nenhuma base construída. Surge a própria experiência da Mandala. Podemos olhar “E o céu, o céu acima?” O céu é o espelho que reflete a natureza livre da mente, totalmente livre de qualquer referencial. A natureza Vajra abarca tudo. Ela abarca, não porque eu forço, mas sem esforço. Ela abarca, não nesse tempo agora, e ontem não, e amanhã sim; ela abarca sem tempo. E não é necessário que nós obtenhamos algo, cheque a algo, adquira algo. Não é necessário obter nada, porque já é assim. Também, não é necessário fixar-se em alguma coisa; é justamente por não se fixar. Aquilo é assim, natural, apenas ver; nós apenas vemos.

Retornando ao início

### **Buscando o Ponto Último**

---

*Abra os olhos devagar e veja*

*A realidade Vajra inteira diante de você.*

*Respire devagar, sem esforço.*

*Nada a ser sustentado*

*Nada a ser criado ou visto.*

*Naturalmente presente.*

*Apenas veja, suavemente.*

*Quando se perder,*

*É na realidade Vajra que estará.*

*Não há dois lugares,*

*Apenas esse.*

*Sem esforço*

*Mandala natural. Veja!*

*Corpo, energia, mente,*

*Paisagem, Mandala, céu.*

*Natureza Vajra tudo abarca*

*Sem esforço,*

*Sem tempo.*

*Não é necessário obter algo.*

*Nem fixar-se. Veja!*

De novo, estamos sentados no sofá da sala e contemplamos isso. Os nossos olhos adivinhem o espaço em todas as direções. Nós reconhecemos que cada manifestação é uma



aparência Vajra. Isso é a Mandala Vajra inteira. No momento em que, para qualquer lugar que nós olharmos, reconhecermos a natureza Vajra inseparável de objeto-observador, estaremos com a experiência da Mandala. A experiência do Samsara é quando nós olhamos as mesmas coisas e, ao olharmos os objetos, apontamos coisas existentes “lá”, por si mesmas. Nós observamos as energias que as coisas “lá” produzem em nós (e os impulsos). Essas energias vêm por “gostar e não gostar” e nós nos movimentamos por “gostar e não gostar” a partir disso. Isso é o Samsara; isso são os doze elos da originação dependente. Nós vamos sempre seguindo esse impulso, esses significados que brotam. Nós vamos perseguindo isso e temos a sensação de que liberdade é poder seguir os impulsos como eles vêm. Nós transmigramos, modificamos todo o ambiente, modificamos tudo incessantemente e não vamos a lugar nenhum. Não encontra nunca um ponto final, uma clareza, um repouso. Nós estamos sempre em busca de uma solução, de uma terra pura, de algum lugar ideal, que jamais encontramos.

Quando nós temos essa visão, sentados, olhando, tudo bem, mas quando nós nos levantamos e começa a se mover? É possível manter isso, ou não pode ser mantido, não há como? Isso é uma visão que podemos manter em sonho, ou depois que abandonar o corpo, mas enquanto nós estamos como o corpo causal, não temos como manter essa visão. Nós precisamos voltar à realidade tal como ela é (dual, confusa, do Samsara), porque isso é o que nós temos. Ou não. Esse ponto da causalidade é um ponto delicado. Aparentemente, a causalidade quebra a noção da vacuidade, da natureza Vajra das coisas, pois se a causalidade se exerce é porque as coisas são o que são. É uma coisa simples. Aparentemente, a causalidade configura a existência das coisas do jeito comum que a própria causalidade estabelece.

Eu acho que o melhor exemplo disso é nós tomarmos um processo como um jogo, por exemplo, um jogo de xadrez. O pessoal reclama de mim porque eu estou sempre pensando em jogo de xadrez. É uma coisa que ninguém mais joga, ninguém mais sabe o que é isso. (Digo “então, jogo de damas”. Menos ainda, ninguém joga mais damas. Estou perdido, vocês me desculpem). O jogo de xadrez é assim: tem um tabuleiro, uma pecinha branca, uma pecinha preta. E tem os peões, cavalos, etc. Vocês imaginem: cavalo; hoje ninguém mais usa cavalo, mas naquela época aquilo era crucial. E tem aquelas peças do jogo. Tem uma causalidade estrita, pessoal; essa causalidade é tal que os melhores jogadores hoje são os computadores. Se o computador pensa sobre aquilo é porque aquilo existe. Como é que um computador entra num mundo virtual (Vajra) e funciona melhor que seres humanos? Que incrível, não é? Mas é isso. Nós temos as várias peças que fazem diferentes funções. Olhamos ali e sabemos: “Bom, se eu andar para cá, andar para lá, se ele se distrair, eu (pah!) xeque mate! Líquido com ele. Em três jogadas, deu!” Vemos claramente o aspecto causal operando ali, mas isso não quer dizer que aquela realidade signifique que nós tenhamos cavalos, reis etc. Não tem nada disso. Aquele jogo é totalmente construído. As regras são totalmente construídas. Se no meio do jogo eu fizer como as crianças, de um modo geral - numa certa etapa, eles começam a brincar e vão alterando as regras do jogo. Eles estão jogando e no meio do jogo dizem “isso não vale, porque...”. É desesperador. Todo mundo já sofreu com isso, é traumático. Quando você faz um gol, o seu gol não vale, porque você tinha que chutar só com o pé esquerdo. É muito gozado isso, mas na verdade, são crianças que vão ser grandes mestres Vajra, porque eles vão mudando a realidade enquanto aquilo vai andando. Eu acho isso super bonito. Isso no tempo em que as crianças brincavam; hoje, as crianças estão sérias.

O aspecto causal funciona perfeitamente, dentro dos mundos ilusórios, dos mundos construídos. Não tem problema nenhum. As crianças sabem. Elas pegam uma caixinha de fósforo (do tempo que elas brincavam com caixinha de fósforo) e aquilo vira um carrinho, vai para cá ou para lá. É isso, maravilhoso. O processo causal não precisa que as coisas tenham uma realidade absoluta. Por exemplo: as cortinas balançam dentro da sala de meditação. Se eu estalar os dedos: as cortinas balançam dentro do nosso depósito. Ou então: as cortinas balançam dentro do alojamento. As cortinas balançam, as janelas operam. Ainda assim, essas realidades são Vajra, são livres, seguem livres. Então “o deslocar-se causal” – nós podemos nos deslocar sorridentes, abrir as portas, nos movermos de forma causal dentro do mundo e a realidade Vajra segue.

*O deslocar-se causal por dentro da presença Vajra*

Das aparências Vajra, dá um sentido de realidade, de solidez para as coisas, torna existente. E tudo que ele torna existente, segue sendo Vajra. Por exemplo, eu estou com o tabuleiro do jogo e agora nós vamos fazer as jogadas. As posições que vão decorrendo dentro do jogo (posições que estão obedecendo as regras causais), cada uma delas tem um funcionamento dentro do jogo. Esse funcionamento dentro do jogo é Vajra. O tempo todo, aquilo tudo é Vajra. Se num momento eu alterar a posição de mente, aquilo perde totalmente o significado. O fato de a causalidade funcionar não quer dizer que aquilo tenha realidade, em si mesma, absoluta.

*O deslocar-se causal*

*Por dentro da presença Vajra*

*Torna existente*

*O que é apenas Vajra*

*Contemple isso*

Tudo que vamos fazendo causalmente dentro da realidade Vajra, é produção de outras aparências Vajra. “O deslocar-se causal” é o deslocar-se Vajra. Não há como perder-se, porque é sempre isso. Ainda assim, surge um mundo, que tem significados causais. Fixados a esses significados causais, nós operamos a realidade Vajra, mas não vendo os atributos completos da realidade Vajra, nós perdemos a capacidade de ver a realidade Vajra. Nós operamos aqui; isso é uma sala de meditação, ficou cosmicamente uma sala de meditação. E nós funcionamos causalmente aqui dentro como uma sala de meditação, mas esse funcionamento nos rouba a visão Vajra. Nós passamos a ter simplesmente uma visão causal. E essa visão causal faz com que nós estejamos, de repente, associados ao reino da forma, por exemplo. Nós estamos olhando aqui e queremos que tudo seja simétrico, bonito; que tenha uma barrinha por cima de tudo, que o chão esteja brilhando, que tudo esteja perfeito. Isso é um referencial do Samsara correspondente ao reino da forma. Pode ser que estejamos conectados ao reino do desejo. “Isso aqui, eu não gosto muito, prefiro aquilo. Esses troncos meio rachados, acho que isso aqui eu não gosto muito”. Ou então dizemos: “Não, eu gosto. Isso aqui é um templo raiz, é budismo raiz. Uma coisa rústica. Está certo que está tudo roído de cupim e daqui a pouco cai...”. Não, na verdade, não está. Nós olhamos desse modo.

Nós podemos começar a criar outros referenciais; nós perdemos a realidade Vajra e começamos a examinar segundo um outro conjunto de referenciais. Podemos andar pelo reino dos deuses, reino dos infernos, nas várias direções e olhar isso com esse olho. Perdemos a realidade Vajra, mas temos a causalidade, que dá uma sensação de realidade. Perdemos a capacidade de ver Vajra, mas ainda assim, o deslocar causal é o deslocar-se Vajra. Qualquer coisa estejamos imaginando e fazendo aqui dentro é Vajra. Brota desse brilho luminoso. Mesmo que a gente queira se perder – não, eu quero abandonar essa coisa de Vajra – essa parte não vai dar muito certo. Porque não há como se perder, pois a coisa é assim. Então surge um mundo de significados causais e parece que isso é real.

*Fixados a isso, operamos a realidade Vajra.*

Eu acho muito interessante, por exemplo, as visões de futuro. Essas são as melhores, eu gosto disso. Antes da crise econômica de 2008, ninguém falava da crise econômica. De uma hora para outra vem a crise e é aquela hecatombe. Agora novamente. Isso é bonito de ver. Vocês corram lá e vejam o que os jornalistas diziam do ano de 2020. “Agora, a economia isso, a economia aquilo; agora vamos fazer isso, vamos fazer aquilo...”. As pessoas planejando olimpíadas, os campeonatos, tudo. Repentinamente, aquilo é uma realidade Vajra. Esqueceram de combinar com o COVID. O COVID tinha ideias próprias, é sempre assim. Nos tempos antigos, com dificuldades de comunicação, com dificuldade verdadeira, de repente você olhava e tinha um exército chegando. “Ih, deu ruim”. Pronto. Era assim a coisa. Deu no que deu; não se tem capacidade de prever seja o que for. É muito interessante. Por exemplo, agricultura no tempo da guerra. Esse é um bom tema; eu não sei porque as pessoas não contam isso. Os agricultores seguiram produzindo, enquanto

eles podiam. Os velhos foram ficando lá, mas as pessoas precisam comer; tem que produzir. E como é manter a rotina no meio daquilo? Morrem 30, 50 milhões de pessoas. Exércitos inteiros morrem e a vida segue. No dia seguinte, a vida segue. Como é isso? A realidade é Vajra.

Quando nós olhamos isso, nem aquilo é real, nem é irreal e nem está entre o real e o irreal é livre dos extremos. Também, eu acho importante não confundirmos a noção de caminho do meio com algo intermediário entre o real e o irreal. Eu posso ter uma posição em que eu nego a realidade e posso ter uma posição em que eu afirmo a realidade das aparências. Se nós afirmarmos a realidade das aparências, nós vamos ter muitas decepções, porque as coisas mudam o tempo todo, mas se eu negar a realidade das aparências, eu também vou ter muitas decepções, porque as aparências que eu estou negando produzem resultado causal, funcionam, são operativas e andam. Um dos aspectos mais fantásticos é a própria moeda. A moeda é totalmente Vajra. A moeda depende do olhar que eu dou para aquele papel, ou para aquele número.

Quando nós olhamos isso, não podemos dizer: “Isso aqui é um pouco real, um pouco não real; é um meio.” Também não é, você não está no meio. A “coisa” é a Natureza Primordial. Nós estamos olhando diretamente a natureza Vajra, estamos olhando a natureza primordial produzindo essas aparências. Essa Natureza Primordial é o Guru Absoluto. Porque, quando eu olho para as aparências, elas surgem inseparáveis da minha mente. A minha mente assume posições, as quais são refletidas pelas aparências, enquanto conteúdos que parecem separados. Mas esse aspecto luminoso, interno e lúcido da mente, que pode assumir posições particulares, é incessante. Ele está de um jeito, está de outro; está lúcido ou está confuso. Mas ele está lá, incessantemente produzindo essa luminosidade.

Nós olhamos aqui em volta e as aparências surgem. Elas estão aí, são expressões diretas dessa luminosidade da mente. Esse aspecto que não muda, incessantemente presente, além de vida e morte, além dos cinco bardos, é o que nós vamos chamar do Guru Absoluto. Esse Guru Absoluto é a natureza lúcida, luminosa, Rigpa. Darmata, que a mãe do Samsara Vajra; mãe das aparências Vajra todas. Mas também é mãe do Nirvana Vajra; enquanto estamos vendo como as coisas são, nós sorrimos. Isso é o Nirvana. Mas o Nirvana é Vajra também, inseparável do Samsara Vajra. Inseparável da mente primordial, da natureza primordial.

Quando nós olhamos assim, nos damos conta. Isso é assim, eu não tenho nada para fazer. Não é que nesse momento eu faço alguma coisa, ou seguro isso, e vou daqui para lá, de lá para cá. Não. Não tem nada para fazer. Isso é um espetáculo; nós contemplamos esse espetáculo. “Nada a fazer”. Apenas, se vale uma sugestão, “não perca o espetáculo”. Porque, ao perder o espetáculo, ficamos presos com a visão limitada em alguma coisa. Então, “não perca o espetáculo”. Resumindo:

*O deslocar-se causal*

*Por dentro da presença Vajra*

*Torna existente*

*O que é apenas Vajra*

*Contemple isso.*

*O deslocar-se causal*

*É o deslocar-se Vajra,*

*Não há como perder-se.*

*Ainda assim, surge um mundo*

*Com significado causal.*

*Fixados a isso*

*Operamos a realidade Vajra*

*E não vemos seus atributos completos,*

*E perdemos a capacidade de ver Vajra.*

*Nem um nem outro,*

*Nem entre ou meio,*

*Natureza Primordial – Guru Absoluto,*

*Mãe do Samsara Vajra,*

*Mãe do Nirvana Vajra,*

*Nada a fazer...*

*Não perca o espetáculo!*

Esse é o roteiro de meditação da Mandala Vajra. Nós estamos sentados, presidindo o sofá em casa, em plena quarentena. Essa é a melhor prática que nós podemos fazer: olhar em todas as direções e onde os olhos pousarem nós tentamos ver isso, desse modo. Não perder o espetáculo, contemplar. Isso não vai nos tirar a capacidade de nos mover no mundo; vai melhorar nossa capacidade de nos mover no mundo. Porque quando nós nos movemos no mundo, como por exemplo em um jogo de xadrez, fixados a uma noção externa, de um mundo externo, nós temos menos capacidade de ver as alternativas possíveis de jogar. Quando nós temos uma visão menos tensa, nós podemos ver muito mais jogadas possíveis.

Como nós vamos ver mais adiante, existe essa expressão “Heruka!” Heruka é o Senhor do Samsara e Nirvana. Ele podia ser o Senhor do Nirvana, é um Buda, mas o Heruka é uma presença assustadora para o Samsara, porque ele quebra a aparência comum do Samsara. Heruka é como se fosse um mestre irado, que dissolve a rigidez do Samsara. O ensinamento que quebra a aparência usual do Samsara é justamente o Prajnaparamita, que é este conteúdo de ensinamentos aqui que nós estamos olhando. Isso é o aspecto irado. O Dorje Drolö, por exemplo, a emanção irada de Guru Rinpoche, é essencialmente Prajnaparamita. Se vocês olharem Manjushri, com a espada, ele tem na mão o Prajnaparamita. Isso significa a visão que ultrapassa a rigidez das aparências.

Mas o Heruka se move sem problemas. Se vocês olharem a aparência de Guru Rinpoche, ele tem a roupa de realeza, a roupa de um rei. Ele se move como um rei no mundo. Ele reina sobre o Samsara, porque ele tem os meios hábeis do movimento do Samsara. Esses meios hábeis são ampliados pela visão Vajra. A visão Vajra não nos coloca, nem com temor frente ao Samsara, e nem subjugados às aparências do Samsara. A visão Vajra coloca o Buda como um Senhor do Samsara, porque ele é capaz de se mover livre dos condicionamentos, das causalidades que brotam dentro do Samsara.

Vocês se levantam do sofá e presidem o Samsara dentro de casa. Eu não tenho certeza se não vai voar uma garrafa ou um chinelo, mas vocês tentam, vão vendo, assim. É mais ou menos isso.